

UM OLHAR EUROPEU SOBRE A AMÉRICA LATINA: ENTREVISTA COM THOMAS FISCHER

[ENTREVISTA]

Enio Moraes Júnior

*Universidade de São Paulo.
Escola de Comunicações e Artes*

Luciano Victor Barros Maluly

*Universidade de São Paulo.
Escola de Comunicações e Artes*

Dennis de Oliveira

*Universidade de São Paulo.
Escola de Comunicações e Artes*

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Historiador e professor, Thomas Fischer estuda o continente latino-americano desde a década de 1970. Para o presidente da Associação Alemã de Pesquisa sobre a América Latina, a heterogeneidade é uma característica da região.

Palavras-chave: ADLAF. América Latina. Thomas Fischer.

Historian and professor, Thomas Fischer has been studying Latin America since the 1970s. For the president of the German Research Association on Latin America, heterogeneity is a characteristic of the region.

Keywords: ADLAF. Latin America. Thomas Fischer.

Historiador y profesor, Thomas Fischer estudia el continente latinoamericano desde la década del 1970. Para el presidente de la Asociación Alemana de Investigación sobre América Latina, la heterogeneidad es una característica de la región.

Palabras clave: ADLAF. América Latina. Thomas Fischer.



“A região é foco de atenção de pesquisadores de quatro centros de estudos da Alemanha”, diz Fischer.

Fotos: Enio Moraes Júnior

A América Latina chama atenção do mundo europeu e não é por acaso. Nesta entrevista concedida a Dennis de Oliveira, professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), o pesquisador Thomas Fischer, da Universidade Católica de Eichstätt, na Alemanha, destaca que esse interesse começou por conta do colonialismo e foi se sedimentando por razões mercadológicas e políticas. O também presidente da Associação Alemã de Pesquisa sobre a América Latina (Adlaf) revela que é impossível se referir ao continente como um espaço homogêneo e que, apesar das investigações acadêmicas, a América Latina ainda é pouco coberta pela mídia europeia.

A entrevista foi realizada no Laboratório de Rádio João Walter Sampaio Smolka da ECA-USP, em 30 de agosto de 2018, com produção e pauta dos professores Luciano Victor Barros Maluly (USP) e Enio Moraes Júnior, pesquisador residente em Berlim. Este trabalho também contou com a colaboração dos pesquisadores Carlos Augusto Tavares Júnior e Carina Seles dos Santos, do Programa de Pós-Graduação em

Ciências da Comunicação da ECA-USP, e Karen Macknow Lisboa, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP.

Como surgiu seu interesse pela América Latina?

Thomas Fischer: Quando estudei na Universidade de Berna, na Suíça, nos anos 1970, a abordagem da pesquisa em ciências sociais estava voltada para a Europa, principalmente Alemanha, França, Grã-Bretanha e Suíça. Eu me interessei pelo resto do mundo durante os meus estudos de história, mídia e literatura e, assim, comecei a pesquisar. Achei que seria importante fazer um doutorado sobre América Latina, Ásia ou África, pois, se fosse estudar a Europa, já saberia, mais ou menos, o resultado. O mais fácil era a América Latina, onde se fala espanhol e português, línguas que eram mais fáceis de aprender. Essa é uma explicação do porquê escolhi a América Latina. A outra explicação é que, naquela época, era o fim do debate sobre esse tema das relações desiguais entre Estados Unidos e Europa, de um lado, e América Latina, de outro lado, ou seja, essa ideia de centro e periferia. Eu estava muito interessado nessa discussão e queria estudar a parte do mundo que não se conhecia muito bem. Era o local, por exemplo, de onde se importaram os produtos para a Europa no século XIX. Comecei desta maneira, quando

fiz um trabalho sobre a Colômbia e sua integração no mercado mundial no século XIX.

Como foi a sua experiência ao visitar os países da América Latina? Foi possível perceber alguma diferença ou dificuldade em entender a América Latina como um todo, incluindo o Brasil, onde se fala português, e os demais países de língua espanhola?

Thomas Fischer: A América Latina não é a América Latina, pois cada país é diferente. Isso [a ideia de homogeneidade] é uma construção do mundo europeu. É um pouco eurocêntrico também falar de América Latina, por exemplo, quando se faz um estudo sobre a Colômbia e dizer: “Os resultados dos estudos sobre Colômbia são válidos também para o Brasil ou para a Nicarágua”. A diferença entre esses países é enorme. Também faz uma grande diferença, por exemplo, pesquisar sobre o Brasil e a Argentina, pois são países vizinhos, mas a diferença da língua é resultado da história colonial, que teria sido dominada, de um lado, por Portugal, e, de outro, pela Espanha. Portanto, se desenvolveram culturas diferentes nesses países.

Um dos grandes problemas que temos hoje no mundo é a questão dos refugiados. Acredito que este seja um problema muito sério nos países da União Europeia, mas que também tem afetado a América Latina. Na sua experiência na América Latina, foi possível perceber alguma diferença na forma como os governos latino-americanos tratam os refugiados em relação aos governos da Europa?

Thomas Fischer: Sim. Você sabe que sou historiador e, por isso, procuro as diferenças na história. A Europa é um “continente” de imigração. Portanto, na Europa, normalmente temos leis diferentes da

América Latina. Já na América Latina, vocês são uma “cultura” da imigração. Portanto, a pessoa que nasce em um país tem o passaporte daquele país. Já na Europa, é assim: a pessoa que nasce no país não necessariamente tem o passaporte daquele país, ou seja, não tem nacionalização imediata. Os europeus têm *jus sanguinis*, a chamada Lei de Sangue. Então, o tratamento dos imigrantes na Europa é diferente da América Latina. O grande problema na Europa é que, a partir dos anos 1950 e 1960, chegaram muitos imigrantes, por exemplo, à Alemanha, França, Suécia, Holanda, Bélgica, Inglaterra, entre outros. Primeiro, foram os italianos. Depois, vieram imigrantes da Grécia, Turquia, ex-Iugoslávia e assim por diante. A gente teve que aprender que havia uma troca de países com cultura de emigração para uma cultura de imigração. Essa troca não havia na América Latina, porque sempre houve imigração. Por isso, acho que o contato com os refugiados na Europa causa muitos problemas. Atualmente, temos as leis, os códigos humanitários, as convenções, o contrato de Dublin [Convenção de Dublin] na Comunidade Europeia etc. Porém, alguns setores da comunidade europeia têm problemas de identificação e isso é uma nova situação.

Como presidente da Adlaf, você conhece vários outros centros na Alemanha que estudam esse tema. O que torna a América Latina um assunto importante para os intelectuais alemães?

Thomas Fischer: Temos estudos e pesquisas sobre a América Latina em quase todos os países da Europa com, mais ou menos, um setor forte na Alemanha, França, Grã-Bretanha, Espanha e um pouco no oeste da Europa. Já nas outras partes é um pouco mais difícil encontrar estudos sobre a América

Latina. Uma explicação na Europa é o colonialismo. Os países que tinham colônias, como Grã-Bretanha, França, Portugal e Espanha, entre outros, sempre tinham estudos sobre a América Latina. Já na Alemanha, é um pouco diferente, porque não havia muitas colônias, mas havia um sentido de colonialismo por muito tempo. Na Alemanha, acho que o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre América Latina tem relação com a busca de novos mercados nos anos 1970 e 1980, porque, no mundo dividido entre leste e oeste, a América Latina era interessante para a Alemanha. Essa era uma das explicações. A outra era o movimento estudantil, que estava muito interessado na América Latina. O movimento teria vínculos com a América Latina, pois tinha esperanças que as relações sociais iriam mudar por meio das revoluções etc. Então, foram estabelecidas cátedras e centros de pesquisa como polos de criação nas novas universidades alemãs. Assim chegaram os estudos latino-americanos na Alemanha. Atualmente, não temos muitos centros de pesquisa. Destaque-se o centro de pesquisa da Freie Universität Berlin, que é o mais importante, com estudos interdisciplinares em economia, história, antropologia e etnologia, literatura, cultura e, às vezes, meios de comunicação, linguística e geografia. Temos o centro Giga [German Institute of Global and Area Studies], em Hamburgo, onde se tem estudos sobre África e Ásia. Há outro centro de estudos ibero-americanos em Colônia, na Universität zu Köln: o único na Alemanha onde também se faz estudos sobre a Península Ibérica. E, finalmente, o centro de pesquisa da Universidade Católica de Eichstätt, na Baviera, que é o único centro no sul da Alemanha. Ao todo são quatro, mas temos cátedras especializadas na literatura, na história e na geografia da América Latina. Em quase todas as universidades há algum

professor ou professora pesquisando sobre a América Latina.

De que forma o jornalismo, na Europa e na Alemanha, particularmente, cobre os assuntos latino-americanos? Há espaço para o continente?

Thomas Fischer: Na Alemanha, o jornal mais importante e mais sério, de elite, o *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, sempre tem um correspondente na América Latina, às vezes dois, mas não mais. Isso é muito pouco. Portanto, não temos informações contínuas sobre os processos que se passam na América Latina. Normalmente, as informações são políticas: eleições, quando há um novo presidente no país, escândalos que acontecem... Depois, cada país tem uma imagem. Por exemplo: a Colômbia é o país do narcotráfico, o México também é o país do narcotráfico, das guerras... Colômbia e México são países das guerras civis, enfim, e outros países têm outro tipo de imagem. O Brasil é o país do futebol e, atualmente, também com os seus escândalos políticos etc. Mas não há um fluxo contínuo de informação séria sobre a América Latina e os correspondentes normalmente estão no Brasil, na Argentina e no México. Normalmente são esses os três países sobre os quais se pode dizer que há mais informações na imprensa alemã. Outro veículo é o *Süddeutsche Zeitung*, que também tem dois correspondentes na América Latina. Também temos o *Neue Zürcher Zeitung*, na Suíça, que é o melhor de todos. Ali também há muita informação sobre economia, porque é um periódico lido por empresários e agentes de negócios. Depois, temos revistas como o *Spiegel*, semanais, que têm informações interessantes não só sobre a América Latina, mas também são pontuais. Às vezes, você procura uma coisa e não encontra, não tem

a informação. Finalmente, temos a televisão. E a televisão é decepcionante. Quase não temos informações sobre a América Latina, não sei o porquê.

O tema do congresso da Adlaf, em 2018, foi “Sociedade e futebol na América Latina”. Como foram as discussões? Como o tema foi discutido no congresso?

Thomas Fischer: Tivemos muitas discussões no comitê organizativo e a primeira coisa era que queríamos ter representadas, no congresso, diferentes disciplinas. Queríamos fazer um congresso interdisciplinar, segundo os gêneros. Teríamos que estar representados por mulheres porque, quando escolhermos o tema [futebol], as mulheres – que agora são a maioria – disseram: “O tema é interessante, mas onde estão as mulheres neste congresso?” No começo, queríamos um congresso que incluísse o tema das mulheres, dos gêneros, e queríamos procurar mulheres que apresentassem seus trabalhos, incluindo mulheres da América Latina, especialmente as pesquisadoras. E quanto ao tema, um dos temas mais importantes eram as relações de gênero, as construções de gênero e também o poder que flerta com as relações de gênero. Outro tema era a representação do futebol nos meios. E isso eu acho que era um pouco inovador na Alemanha porque, normalmente, quando se trabalha sobre futebol não se diz muito sobre os meios. E essa é uma diferença do Brasil e da Argentina em relação à Europa. Nesses países, fica muito claro que os meios são veículos muito poderosos para comunicar as notícias do futebol, para negociar o futebol. Outro tema interessante era futebol e política, também porque o congresso seria realizado duas semanas antes da Copa do Mundo na Rússia. A dimensão política do futebol estava muito presente

na imprensa e nos meios. Se um governo pode instrumentalizar o tema, é porque esse assunto interessa a muita gente. Então, seria fundamental falar também sobre a relação entre futebol, política e autoritarismo.

* Ouça: Entrevista completa com Thomas Fischer: <https://bit.ly/2TiSaoX>

* Assista: Palestra Futebol e Sociedade na América Latina, ministrada por Thomas Fischer aos alunos da USP: <http://www.usp.br/cje/index.php/tv/> ■

[ENIO MORAES JÚNIOR]

Jornalista, doutor em ciências da comunicação pela ECA-USP. É autor do livro *Formação de jornalistas: elementos para uma pedagogia de ensino do interesse público* (Annablume, 2013). Em Berlim, trabalha com marketing e jornalismo.

E-mail: eniomoraesj@gmail.com

Portfólio: <https://enioonline.wordpress.com/>

[LUCIANO VICTOR BARROS MALULY]

Jornalista, doutor em ciências da comunicação e professor do curso de jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCom) na ECA-USP. É líder do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo (Alterjor) e autor do livro *Jornalismo esportivo: princípios e técnicas* (Editora do Autor, 2017).

E-mail: lumaluly@usp.br

[DENNIS DE OLIVEIRA]

Jornalista, doutor em ciências da comunicação, professor e pesquisador do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP. É coordenador do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc), da USP, e autor do livro *Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire* (Appris, 2017).

E-mail: dennisol@usp.br